

# **O FENÔMENO DA PRESSUPOSIÇÃO NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE**

Leidy Ana Tavares de Oliveira (UFRN/EaD)  
leidianaebeto@gmail.com

Maria de Fátima Lopes Bandeira da Silva (UFRN/EaD)  
fatimabandeira2011@gmail.com

Francimeire Cesário de Oliveira Queirós (SEC-RN SEC- Marcelino Vieira-RN)  
meire.c@hotmail.com

## **Introdução**

A comunicação humana se dá através da língua, seja falada ou escrita, uma vez que vivemos rodeados de enunciados que podem ser interpretados de várias maneiras, tanto a parte do que está posto (explícito) como por meio do pressuposto que será desencadeado a partir do posto. Para vivermos de maneira ativa e participativa em nossa sociedade devemos estar preparados para agir de forma crítica, se posicionando diante dessas enunciações, muitas vezes ideologicamente ocultas, daí a necessidade de entendermos um desses mecanismos da linguagem, a pressuposição.

Nessa perspectiva, este trabalho tem a finalidade de estudar o fenômeno da pressuposição no gênero textual charge sob a ótica da semântica argumentativa, mas também expandindo à um olhar pragmático, tendo em vista que a mesma está presente em todo e qualquer enunciado e tanto o locutor como o interlocutor deve estar apto para identificá-la e usá-la.

Para melhor nos fundamentar sobre a pressuposição abordamos sobre as teorias adotadas por Ducrot a partir da visão de Souza (2000) e Soares (2012), que as compreendem como enunciações que podem ser inferidas a partir de enunciados já dados, cujos sentidos implícitos estão implicados nas nossas interações. O gênero textual charge é tratado a partir da concepção de Marcurchi (2008; 2002), ele concebe os gêneros textuais como instrumentos de linguagem que materializam as nossas atuações nas atividades sociais. O gênero charge, que será o suporte de análise deste trabalho, é um gênero que trata de assuntos do cotidiano e enuncia simultaneamente a linguagem verbal e a não verbal, manifestando um teor mais crítico e de grande impacto social.

O presente trabalho se organiza da seguinte forma: primeiro discorreremos sobre a Semântica Argumentativa que é tratada principalmente por Ducrot considerando a significação e suas relações de sentidos entre as palavras. Em seguida, faremos uma abordagem de quadros teóricos sobre a pressuposição. Também abordaremos brevemente sobre o gênero textual charge em suas características e especificidades. Por fim, faremos uma análise qualitativa, na qual vamos observar como se dá a pressuposição nas charges e sua relação semântica tendo como foco o conteúdo posto para identificarmos o pressuposto.

## 1. Semântica Argumentativa

A semântica é o estudo do significado e este é definido, segundo Barbisan (2014), como sendo as ideias ou conceitos que se podem transferir da mente do falante para a do ouvinte, na forma de uma determinada língua.

Voltando-se para a Semântica Argumentativa a mesma teve origem na França, na *École des Hautes Études en Sciences* de Paris por Oswald Ducrot, inicialmente, em conjunto com Jean-Claude Anscombe, e continuada atualmente por Ducrot com a colaboração de Marion Carel, no mesmo centro de pesquisas francês.

Na semântica argumentativa, Ducrot traz noções de valor linguístico para o emprego da língua, mostrando que há diferentes níveis: na relação entre entidades lexicais, entre enunciados, entre discursos, entre locutor e alocutário. A Teoria da Argumentação na Língua mostra que a palavra contém uma significação que permite certas continuações, e na medida em que essas continuações são feitas surge um sentido que se constitui das relações entre as palavras. Segundo Barbisan (2014, p. 3)

O sentido do enunciado não está nele, nem no outro, mas na relação que se estabelece entre ele e o outro: a realidade linguística é sempre opositiva. Em vista disso, argumentar é levar o Outro, o alocutário, a determinada continuação. Assim, a argumentação torna-se fundamental na linguagem. Está inscrita na língua, é inerente a ela, está na própria natureza da língua.

A argumentação faz parte da língua, estando em todos os enunciados, pois quando o locutor expressa o que está pensando ele leva o seu o alocutário a refletir sobre alguma resposta, então, a argumentação se dá no ato da comunicação, no enunciado ou em um determinado contexto. Na semântica argumentativa busca-se explicar o significado do signo voltando-se para o domínio da língua sem deixar se intervir pelo extralinguístico. Buscando a

relação do sentido entre uma palavra, enunciado, discurso, sempre tendo como ponto de partida o emprego da língua, não da palavra ou da frase isoladas.

## **2. Quadro Teórico: visão dos autores sobre a pressuposição**

Diariamente somos expostos a diversos discursos no qual podemos ser locutor ou interlocutor e diante desse contexto não basta apenas o conhecimento do código linguístico, já que os textos não são apenas um amontoado de palavras e nós não somos apenas mero decodificadores passivos. Assim sendo, precisamos interpretar o que está exposto de forma crítica, percebendo que em um texto o sentido não está contido somente nos aspectos linguísticos, ou seja, que em um texto existe o sentido explícito e também o sentido implícito.

Diante disso Soares nos fala que, “Pensar sobre o que há por detrás das palavras é um exercício para construção de um saber crítico e ampliação do conhecimento de mundo”. (SOARES 2012 p. 27). A língua traz conteúdos postos e pressupostos e como falante da mesma, devemos estar atentos para estas duas dimensões que se entrelaçam para garantir o significado dos enunciados.

Segundo Ducrot, 1987 (*apud* SORARES, 2012) a pressuposição tanto pode estar inscrita no enunciado como pode também ser perceptível por meio de uma interpretação constituída pela natureza da enunciação.

É sabido que há diferentes abordagens teóricas sobre a pressuposição cuja base pode ter inspiração que vai da Filosofia a Linguística. Pelo âmbito da Linguística, a pressuposição é considerada como uma ocorrência de relevância inerente à linguagem humana, tendo como um dos maiores representantes o linguista francês Oswald Ducrot. Após críticas e apontamentos sobre o alcance de sua teoria ela atravessou por várias reelaborações.

A cerca disso Frege (*apud*, Soares 2012 p. 28), que foi um dos primeiros a abordar a pauta da pressuposição, interpreta essa questão da seguinte maneira:

[...] para Frege, a pressuposição está relacionada à questão da referência como existência no mundo, condicionada ao valor de verdade das proposições, pois “se algo é asserido, pressupõe-se obviamente que os nomes próprios usados, simples ou compostos, têm referência”.

Na concepção de Frege a pressuposição trata do valor de verdade de uma sentença, entretanto, não vamos abordá-la como valor de verdade, mas como ponto de vista, afinal, de acordo com Ducrot, a língua não é um código fechado, ela é um instrumento de ação e interação, pois para ele:

[...] pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse; é desempenhar o papel de alguém de quem o ouvinte sabe que... Nossa esperança é, portanto, que a especificidade do pressuposto em relação ao posto, difícil de ser descrita tanto em termos de condição de emprego como de modalidade afirmadas, se deixe melhor caracterizar em termos de atitude linguística, de jogo de fala. (DUCROT, 1972, p. 77-78, *apud*, Soares, 2009 p. 07).

Por esse entendimento, para Ducrot (1972) a principal função da língua é argumentar, pois o ato da comunicação nos possibilita um “jogo” de palavras, uma interação entre interlocutores. De acordo com o mesmo, a pressuposição faz parte da língua, se integrando ao sentido implícito nos enunciados.

No avançar das pesquisas, entre os estudos mais recentes de Ducrot que contam o apoio de Jean-Claude Ascombre e Marion Carel, sua tese legitima a argumentação linguística no campo da semântica, através da chamada Teoria da Argumentação na língua. Contudo, esses estudos ainda mantêm-se fundamentados no estruturalismo saussuriano, cuja tônica favorece as relações existentes na língua, como é o caso dos estudos sobre encadeamento argumentativo, no qual o significado de um enunciado incide na possibilidade de associação com outros enunciados.

Mais adiante, na década de noventa, Ducrot e Carel designam uma nova versão para a teoria da argumentação, compreendendo agora os estudos acerca dos Blocos Semânticos, isso implica em considerar que os enunciados não têm significado em si, mas nas relações, no uso, no contexto. Ampliando desse modo as possibilidades de interpretação dos enunciados.

Levando a pressuposição para o olhar pragmático Austin, nos mostra que em sua condição de emprego, ela se realiza como parte integrante do sentido, vez que transfere a análise de uma sentença e de seus constituintes para as condições de uso dessa sentença.

Desse modo, para Austin dizer é fazer o que alude articular nossas realizações com o que pronunciamos (as sentenças) em determinados contextos particulares. “A linguagem pode se tornar uma ação, desde que sejam atendidas algumas condições para a sua realização. Essas condições são consideradas pressuposições, já que, sem a ocorrência delas o ato de dizer será infeliz ou nulo.” (SOARES, 2012 p. 50).

No trabalho de Souza (2000 p. 20), vemos que a pressuposição está associada ao sentido implícito de certos enunciados e

[...] é sempre introduzida, na linguagem, por itens lexicais ou estruturas gramaticais específicos, tais como o emprego dos tempos e formas verbais, a presença de certos advérbios e construções sintáticas etc. Se por um lado o “pressuposto” se opõe aos demais tipos de implícitos, por outro lado, opõe-se ao “posto”, sendo este último um elemento integrante do sentido explícito na linguagem, correspondente ao conteúdo acertado, propriamente dito.

É evidente que a autora observa a pressuposição principalmente pelo viés linguístico, pois procura destacar elementos linguísticos que permitem a pressuposição na estrutura da língua.

Como bem explicado na citação de Souza (2000), uma das características da pressuposição é que a mesma acontece através da introdução de algum vocábulo que irá pressupor algo que não está explícito no enunciado. Para tanto, a autora também nos remete alguns critérios de identificação da pressuposição como: a negação, pois a teórica nos fala que a pressuposição não é afetada pela negação; a interrogação, na qual a pressuposição se mantém inalterada diante de uma negação; o encadeamento, que não afeta a pressuposição e nem o sentido expresso pelo conectivo que liga os enunciados; as regras dos anafóricos que é similar a do encadeamento, mas que nela têm a chamada “regra dos anafóricos”, em que os pronomes anafóricos, ao se referirem a um conteúdo da frase precedente, não remetem ao pressuposto, mas ao conteúdo posto; e o subtendido sendo o que não está bem claro ou explicado, mas apenas sugerido.

O subtendido diferencia-se da pressuposição, porque o pressuposto é algo indiscutível, não sendo contestado, entretanto, o subtendido é da responsabilidade do ouvinte, afinal é o falante que vai subtender algo em seu enunciado.

Sobre a ótica de Ducrot (*apud* Soares, 2012 p. 32) “pressuposição pode tanto ser marcada no enunciado quanto pode ser fruto de uma interpretação fundada nas condições de enunciação”. Nesse contexto, a pressuposição passa a ser encadeada pelo posto, e o pressuposto passa ser entendido como um ato ilocutório da enunciação. E nessa perspectiva, o autor é levado a procurar a pressuposição fora do enunciado, em interpretações relacionadas às condições de produção para que o ato ilocutório possa nascer da enunciação.

### **3. Gênero Textual Charge**

A charge é um gênero textual altamente dinâmico por está relacionado aos fatos do cotidiano de uma sociedade, o que corrobora com a concepção de gênero dada por Marcuschi, pois ele defende que o gênero mostra o funcionamento da sociedade e acrescenta: “todos os

gêneros tem uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.” (MARCUSCHI, 2008 p. 150), ou dizendo de outra forma, os gêneros textuais “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.” (MARCUSCHI, 2002 p. 20). Isso implica dizer que não basta produzir um gênero adequado para determinada situação, temos que adequar também o seu uso, ou seja, eles são sociais e devem entrar em coerência com esse campo.

A Charge é um gênero textual cujo objetivo é satirizar por meio de caricaturas. Nesse sentido, é preciso um maior empreendimento cognitivo do leitor para a compreensão de uma charge, pois sua riqueza em mensagem crítica é enorme, trata-se de uma imagem que pode “valer mais que mil palavras”, visto que ela se encarrega de assinalar qualquer fato político ou social que, geralmente ganha notoriedade na imprensa. Fato esse que é mostrado pelo ângulo da indignação e da ironia. Assim abrange um número limitado de pessoas porque se supõe que somente aqueles que estão informados conseguem interpretá-la.

O seu domínio discursivo seria do discurso jornalístico, porém sua formação discursiva parece não seguir nessa mesma linha de discurso, que geralmente é conduzida pela ideologia capitalista e a charge subverte e critica os sistemas ideológicos de poder, dando margem aos juízos de valor.

É necessário frisar que a charge é produzida conforme a ótica do chargista, assim como os artigos de opinião que são produzidos a partir da visão de um especialista no assunto abordado. Por serem assim, esses gêneros são opinativos e não podem ser encarados como informativos. Portanto, a charge, a luz desse contexto não é uma reprodução neutra dos acontecimentos, ela está imbricada num contexto sócio histórico de comunicação como os demais gêneros, haja vista que, representa convicções de uma dada realidade.

A cerca desse assunto Oliveira (2006), nos fala que a charge se caracteriza como texto não verbal, contudo sua função se relaciona com o gênero textual opinativo, cujo suporte é quase sempre o jornal, a revista, os blogs informativos e outros de natureza geral. Ela é composta por imagens caricatas que apresentam personagens públicos, na maioria das vezes da política.

Nessa perspectiva a charge é um gênero rico tanto no aspecto verbal como no não verbal, articulando harmoniosamente as duas linguagens – a verbal e a não verbal. No verbal são textos curtos, mais críticos e de grande impactos sociais, por isso densos e complexo; no não verbal são imagens exageradas, cômicas que muitas vezes falam por si só da

personalidade e do caráter de alguém, pois o exagero no traço se dá justamente em favor da caracterização da personalidade da pessoa em foco.

Outro recurso ainda bem pertinente é a intertextualidade, o que permite ao leitor influências entre o dito e não dito, transitando ainda de forma harmônica entre linguagem verbal e não verbal. É notório, nesse sentido, que há um processo que gera a textualidade a partir da relação entre a leitura da imagem e a retomada do fato que motivou a charge em sua historicidade ideológica, social e política.

#### 4. Análise

Com base nas discussões supracitadas no presente artigo iremos analisar a pressuposição no gênero textual charge, cujo universo faz uso das charges de Ivan Cabral, um chargista potiguar que já foi premiado em diversos salões de humor no Brasil. Para a formação do *corpus* deste trabalho foram selecionadas trinta charges que estão disponíveis *on-line* ( { HYPERLINK "http://www.ivancabral.com/" } ) e para ilustrar a importância do estudo sobre a pressuposição, propomos uma rápida análise de três charges com temas políticos e sociais.

Tendo em vista nossas considerações no item anterior, nossa análise não irá figurar a pressuposição apenas como fator linguístico, pois aferir o conteúdo pressuposto apenas nessa ótica é complicado, principalmente quando ela não está marcada linguisticamente, como é caso das charges em que os sentidos são também tomados “semioticamente”. Nesse caso, avaliar o sistema linguístico sem considerar as possibilidades de produção de significados externos a ele, seria rejeitar o sujeito e sua história, restringindo a abrangência dos sentidos.

Vejamos a *Figura 1*, e depois as ponderações sobre ela.



*Figura (1)*

Na *Figura (1)* percebemos que a pressuposição aparece ao relacionarmos a imagem com as palavras “governo, distribuidores, posto e eu e você”, no qual se pressupõe um “assalto em cadeia” em que o governo assalta seus distribuidores com impostos altos e os distribuidores fazem o mesmo com os postos de gasolina, que por sua vez, não fica atrás cobrando preços absurdos a população.

O fato posto ou explícito é relativo à distribuição e consumo de combustíveis, observado pela sequência de palavras e pela sequência lógica da imagem, mais precisamente por um componente das bombas de combustíveis dos postos. Também sabendo que o gênero em análise já tem em sua constituição um teor crítico, isso evidentemente favorece a instauração de uma pressuposição, que foi situada pelos sentidos implícitos.

Na *Figura 2*, temos que pensar o que implica a expressão “seu político” nessa situação, em que a interpretação da mesma é ocasionada pela parte não verbal do texto.



*Figura (2)*

Ao observarmos a *Figura 2*, na qual nos deparamos com dois garotos discutindo entre si e um fala mal do outro (observado nas expressões faciais do garoto que fala e sua postura ofensiva com as mãos), tentando ofendê-lo com um palavrão (“político”), pressupomos que os políticos são pessoas que não tem caráter plausível e logo como é consenso nas especulações cotidianas dos brasileiros, os políticos são corruptos. Essa palavra ganha nesse contexto sentido de insulto e ofensa.



Admite-se essa significação dada a pressuposição mediante os sentidos explícitos (situação comunicativa de discussão e ofensa) e implícitos, sugerindo assim, uma nova acepção significativa para “políticos”, que é conferida genericamente partindo da ideia adquirida no contexto político brasileiro, no qual essa palavra não tem uma boa repercussão entre o povo.

Isso corrobora com a visão ducrotiana de que a pressuposição tanto pode estar materializada nos enunciados, através de recursos linguísticos, como pode também estar imbuída numa interpretação constituída pela natureza da enunciação, ou seja, os sentidos estão externos a materialidade linguística e presentes nas relações de convívio sócio histórico.

Na *Figura 3*, mais uma vez é reforçado que a charge relaciona os fatos do cotidiano de uma sociedade, revelando suas problemáticas por meio de sátiras e ironias que afetam algum sistema ideológico de poder (representado pela presidente), dando margem aos juízos de valor, aspectos esses, que se aliam a significações pressupostas.

Nesse sentido, o gênero charge já parte do pressuposto de que apenas as pessoas que estão a par do assunto abordado (no noticiário) conseguem interpretá-la, como foi dito anteriormente.



*Figura (3)*

Na *Figura 3*, o humor característico da charge é garantido com a figura da presidente segurando uma placa com o nome do programa mais médico suscita a pressuposição, que aparece no encadeamento das frases: mais fios, mais seringas, mais esparadrapos e mais médico, no qual pressupõe que em nosso sistema de saúde está faltando recursos básicos como fios, seringas e esparadrapos e que só a presença dos médicos não mudaria o quadro de descaso na saúde pública.

## Conclusão

Em síntese, podemos perceber que a pressuposição nas charges acontece a partir do conteúdo posto com associação das gravuras, já que é característico do gênero satirizar através da junção do verbal com o não verbal e que é necessário o conhecimento prévio dos pressupostos para uma interpretação que garanta os diversos conteúdos da charge mediante o seu contexto discursivo.

Assim, a pressuposição é um fenômeno da linguagem ligado a elementos do enunciado e independente de variações discursivas que interferir na produção e compreensão de significados no gênero em análise, é considerada como elemento que contempla o sentido implícito de certos enunciados. Todo texto se constrói por aquilo que é dito explicitamente e por aquilo que não é dito explicitamente, portanto, um fenômeno descrito amplamente através da teoria semântica, cujo maior defensor é Ducrot. Este defende inicialmente uma pressuposição presente na língua, mas posteriormente a insere na enunciação. Contudo, observamos que a pressuposição também requisita de ancoragens pragmáticas, pois a observação do contexto de uma situação de comunicação convalesce a produção de sentidos.

## Referências

BARBISAN, Leci Borges. *Semântica Argumentativa*. Disponível em { [HYPERLINK "http://www.editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/1517/semantica\\_semanticas\\_primeiro\\_capitulo.pdf"](http://www.editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/1517/semantica_semanticas_primeiro_capitulo.pdf) }. Acessado em 08 de ago de 2014.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONISIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, N. A.A. Gêneros jornalísticos de humor: caricaturas e charges. *Revista Junus*: Lorena, ano 3, nº 4, 2006.

SOARES, Verônica de Fátima Camargo. *Pressuposição: diferentes abordagens teóricas e suas consequências para o ensino de graduação em letras*. Dissertação, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

SOARES, Verônica de Fátima Camargo. *Pressuposição: fato linguístico ou pragmático?* IV Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes. Campos, 2009. Disponível em

><http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/viewFile/1763/947><  
acessado em 08 de ago. de 2014.

SOUZA, Heberth Paulo de. *A pressuposição linguística na estrutura da língua portuguesa*.  
Dissertação, Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-Minas, 2000.